

INTRODUÇÃO

“Com ou sem filosofia consciente ou reconhecimento explícito do fato, os projetistas estão dando forma às pessoas, bem como aos edifícios” (SOMMER, 1973)

O trabalho “A qualidade do espaço construído da creche e suas influências no comportamento e desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2-6 anos. Estudo de caso: Creche UFF” iniciou-se com o interesse pela relação entre o homem e seu ambiente construído. Nesta relação, percebemos que o homem modifica a natureza em busca da satisfação de suas necessidades, sejam elas físicas, sociais ou emocionais. Podemos dizer que o homem, cada vez mais, despende seu tempo dentro de edificações. O ambiente construído, que a princípio tinha sua função ligada ao abrigo, apresenta-se como responsável por uma infinidade de atividades ainda mais complexas. Segundo ORNSTEIN, as edificações passam a abranger “todo um modo de vida que se renova com as próprias condições geradas nesse ambiente construído, e em contínua transformação, face às necessidades do homem-usuário contemporâneo.” (ORNSTEIN, 1995:27). Tudo isso se deu especialmente depois da Revolução Industrial.

Esta pesquisa surge, assim, de inquietações de como tornar as edificações espaços que satisfaçam às necessidades da maioria que as vivenciam. LIMA (1989), parece compartilhar destas inquietações ao mostrar-se preocupada com a tirania do desenho dos espaços coletivos cujos profissionais responsáveis pela elaboração do projeto consideram-se capazes de interpretar os anseios dos usuários, sem tê-los antes consultado, gerando, assim, “um processo de redução dos espaços: redução cultural, redução de áreas, redução de material” (LIMA, 1989:10). Tal fato é verificado pela autora na padronização das escolas.

Henry Sanoff (1995, 2000, 2002a e 2002b), assim como LIMA, mostra-se preocupado com a questão do usuário. Em seus livros, o arquiteto defende a importância da participação dos usuários no processo de projetar e relata suas experiências positivas conquistadas através da sua metodologia de trabalho que visa reconhecer as expectativas e anseios dos usuários através deste desenvolvimento conjunto.

Robert SOMMER também demonstra preocupação com a qualidade das edificação ao escrever sobre a *Conscientização do design* (1987). Ele acredita que uma das causas de não ser comum a avaliação de uma edificação em uso esteja ligada a questões de ética e de ego, já que pela ética um arquiteto não deve tecer comentários que depreciem o trabalho de colegas. Para tanto, o psicólogo chega até a fazer sugestões do tipo: manter em sigilo a identidade do arquiteto – como ocorre em pesquisas do campo da ciência social, em que preserva-se a identidade do entrevistado. SOMMER frisa ainda que a responsabilidade do sucesso ou fracasso nem sempre se deve ao arquiteto, uma vez que na maior parte dos projetos, deve-se seguir um edital, questões sócio-econômicas ou mesmo o desejo de um cliente. O autor acredita ser importante a criação de um banco de dados, criado a partir destas avaliações, para que qualquer arquiteto possa ter acesso à pesquisa de modo a projetar de forma mais eficaz. Para tanto, sugere que este hábito comece por edificações mais comuns – no sentido de atender a um público maior, não-especializado, como é o caso de escolas, parques e hospitais.

Na busca por um método possível de avaliar o ambiente construído deparamo-nos com a Avaliação Pós-Ocupação (APO). O primeiro contato com a APO veio por intermédio de artigos e da tese de doutorado de Paulo Afonso RHEINGANTZ (2000) intitulada *Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica Coppetec-Cosenza na Avaliação do Desempenho de Edifício de Escritório*. Por sua influência, outros grandes nomes da APO foram-nos introduzidos. Reconhecemos nesta metodologia uma possível forma de analisar os pontos negativos e positivos de uma edificação de modo a gerar elaborações que possam ser utilizadas também em futuros projetos.

Diante de tais considerações, fomos levados a estudar o assunto escola assim como seus usuários, interessando-nos principalmente pelas instituições e educação infantil. Tornou-se necessário, assim, um aprofundamento do estudo do comportamento do usuário em questão – a criança. Nesta etapa, foi trabalhada uma bibliografia voltada para a Psicologia e Educação com trabalhos de PIAGET e VYGOTSKY.

Nasceu, assim, o desejo enorme de compreender de que maneira a Arquitetura, aliada à Psicologia e a Educação, poderia ser trabalhada de forma a criar ambientes mais agradáveis para as crianças, propiciando-lhes melhores condições de desenvolvimento na primeira infância. Neste sentido, temos como objetivo principal a análise do papel do ambiente

construído da creche no desenvolvimento das crianças. Esta pesquisa, buscou então temáticas interdisciplinares com a finalidade de ampliar de forma mais prudente a bibliografia voltada às influências do espaço das instituições no desenvolvimento infantil. Buscando um olhar sob a ótica da arquitetura, estudamos os trabalhos de SANOFF (2002a e 2002b), ORNSTEIN et al. (1995), AZEVEDO & BASTOS (2002), FEDRIZZI (2002) e HORNE (2002).

Para averiguar nossas suposições precisaríamos de um objeto de estudo. Dentre as instituições visitadas, optamos pela Creche UFF já que esta, além de ter sido projetada por uma arquiteta especialmente para este fim – creche -, tem como princípio servir de base para estudos que visem o bem-estar das crianças¹. Selecionamos, ainda, como metodologia para averiguação da qualidade de seus espaços, a Avaliação Pós-Ocupação. A escolha desta metodologia deve-se ao fato de acreditarmos que a APO, ao considerar em sua análise não apenas a visão do pesquisador/investigador mas também o olhar dos usuário, vai de encontro com as inquietações que deram origem a nossa pesquisa. No entanto, reconhecendo que as crianças pequenas possuem um grande leque de comunicação não-verbal, optamos por também trabalhar com métodos qualitativos, com base em observações participativas e observações de campo, inspirados em metodologias oriundas das áreas voltadas para as ciências humanas (como a Psicologia), acreditando que, desta forma, estaremos complementando a APO para a identificação do nível de satisfação de usuários nesta faixa etária.

Pretendemos, assim, através do estudo de caso, identificar os diferentes arranjos espaciais, tanto externos quanto internos, e as diferentes interações que estes promovem, com a finalidade de compreender como se dá esta relação bidirecional ambiente-usuário em ambientes educacionais voltados para crianças pequenas. É importante salientar que, mesmo sendo conhecida e divulgada a relevância de estudos envolvendo o usuário e seu ambiente (SANOFF 2000 e 2002, DEL RIO 1998a e 1999, ORNSTEIN 1995, RHEINGANTZ 1995, SOMMER 1983, etc.), restritos ainda são os relatos de arquitetos envolvendo trabalhos relevantes que tratam da interação criança pequena x espaço². Nesta

¹ Maiores detalhes serão explorados nos capítulos que se seguem.

² No campo da Psicologia, podemos destacar os trabalhos de Robert SOMMER, que têm relatado a relação da criança com o seu meio, bem como os de Alain LEGENDRE (1983, 1986 e 1987), na França e Mara Ignez CAMPO-DE-CARVALHO (1994 e 1998), Cláudia SANTANA (2000) e Vera VASCONCELLOS

mesma linha de pensamento, podemos dizer que, apesar de ser conhecida a importância da organização espacial dos ambientes educacionais, percebe-se que em muitos casos esta preocupação não é efetivamente rebatida nos espaços das instituições educacionais (SANOFF 2002b, AZEVEDO & BASTOS 2002). Segundo AZEVEDO & BASTOS,

“o questionamento sobre a qualidade de vida no ambiente construído vem sendo sustentado por pesquisas na área da arquitetura e da psicologia ambiental, revelando a necessidade de um olhar mais atento às relações pessoa-ambiente. Porém ainda há uma lacuna entre essa crescente reflexão e a realidade revelada pela produção da arquitetura escolar, apesar do tema ser fonte de permanente discussão e controvérsia” (AZEVEDO & BASTOS, 2002:154).

Ainda segundo a autora, nosso país é palco de práticas projetuais convencionais que visam alcançar o maior número de salas de aula sem a preocupação com a satisfação de seus usuários. A maioria das instituições escolares, principalmente as da rede pública, é tratada de forma reducionista, o que acaba por diminuir também a possibilidade da criança/aluno experimentar³ e desenvolver-se no seu ambiente educacional.

SOMMER demonstra este interesse por experimentar os espaços e afirma que,

“na extensa literatura sobre qualidade ambiental, poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experimentar (sensório-motor, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes” (SOMMER, 1973:7)

Através da revisão bibliográfica, notamos que, em alguns casos, não é dado à criança a possibilidade de apropriar-se da sala de aula, seja com desenhos, seja com objetos pessoais (LIMA, 1989). Neste sentido, acreditamos ser possível avaliar a possibilidade de um melhor planejamento da disposição do arranjo espacial, visando uma maior apropriação por parte das crianças e uma conseqüente qualificação do espaço da sala de aula que passam a condição de *ambiente*⁴, segundo LIMA, e *lugar*⁵, conforme TUAN.

(2002), influenciados por ele no Brasil, com estudos a respeito dos reflexos dos espaços educacionais no comportamento infantil.

³ “Experimentar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.” (SOMMER, 1973:10)

⁴ Para Mayumi LIMA, “O ambiente significa a fusão da atmosfera, e se define na relação que os homens estabelecem entre si, ou do homem consigo mesmo, com o espaço construído ou organizado” (1989:14).

⁵ “Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983:6).

Vale frisar aqui a importância da apropriação do espaço por parte do homem e do animal. Pesquisadores como FISHER e SOMMER desenvolveram estudos a respeito desta apropriação. FISCHER descreve o conceito de território que poderia ser traduzido como “o uso que fazemos dos lugares segundo os significados psicológicos e culturais que lhe conferem quadros sociais.” (FISCHER, 1994:23). Tal conceito estaria intimamente ligado a uma necessidade do indivíduo de personalização do lugar através de marcações e elementos de apropriação que possibilite demonstrar que se é o ocupante de determinado espaço. Para SANOFF (2002b), a “personalização dos espaços” é um objetivo importante a ser atingido nos projetos, já que considera que os alunos tem necessidade de ter uma elo de ligação com o ambiente escolar.

Sensíveis a atual situação das creches e pré-escolas, que se encontram em muitos casos instaladas em edificações pré-existentes, e desejosos de contribuir com o desenvolvimento infantil, optamos, então, em focar nossa análise privilegiando a questão da autonomia – considerada significativa para o novo quadro da Educação⁶. Fundamentada nestes dados, a pesquisa voltou-se para a investigação das diferentes possibilidades de interação, seja adulto-criança, seja criança-criança, nos diferentes espaços da creche, potencializada ou inibida pela composição do espaço e da disposição do mobiliário, com o intuito de identificar suas conseqüências no desenvolvimento do senso de autonomia das crianças de 2 a 6 anos.

Esperamos que, através da reflexão das teorias acima mencionadas e na investigação do estudo de caso, seja possível a elaboração de um relatório de descobertas e recomendações em que sejam propostos subsídios para avaliação de edifícios educacionais, contribuindo desta forma com um arquivo que possa ser consultado em projetos semelhantes. É nosso desejo uma contribuição de ordem metodológica na medida em que averiguamos a validade de se aplicar uma APO em crianças pequenas auxiliada por outros fundamentos oriundos de áreas como Psicologia e Antropologia – arranjos espaciais e investigação de dados comportamentais e culturais dos usuários. Acreditamos ainda que este estudo possa ser usado para auxiliar na tomada de consciência dos educadores sobre o potencial dos espaços educacionais.

⁶ “As recentes mudanças na legislação brasileira referente à Educação Infantil indicam a autonomia como um dos principais objetivos educacionais”(DIAS & VASCONCELLOS, 1999:9)

Finalmente, buscamos, através deste estudo, reforçar o compromisso social do arquiteto evitando o descaso com seus projetos após finalizada a edificação. Acreditamos que nós, arquitetos, deveríamos nos preocupar sempre com as obras colocadas em uso, considerando que só temos a ganhar quando experienciar/vivenciar a arquitetura como “um fechamento cultural, e não apenas um fechamento físico”(WIGLEY, in RHEINGANTZ, 2000:xxiii).

Vale, no entanto, aqui retomar o pensamento de SOMMER e frisar que nem sempre o sucesso ou o fracasso das edificações estão nas mãos dos arquitetos já que estes dependem de fatores externos tais como: editais, situação sócio-econômica e desejos de clientes.

A presente pesquisa foi dividida em 5 capítulos, esquematizados de forma a possibilitar um melhor desenvolvimento das questões abordadas.

O Capítulo 1, *Fundamentação Teórica*, que se inicia com um breve relato sobre a situação atual das instituições educacionais a fim de demonstrar a importância deste estudo em averiguar a qualidade dos espaços da Creche UFF e suas influências no desenvolvimento infantil tanto para o campo da Arquitetura, quanto da Psicologia e Educação. Para melhor compreensão do trabalho, apresentamos também suas bases teóricas que englobam os conceitos básicos de Avaliação Pós-Ocupação – metodologia de trabalho – e as reflexões a respeito da relação homem x ambiente x comportamento e percepção ambiental – já que acreditamos que a APO, sendo uma metodologia de aferição do ambiente construído, seja um tema referente às relações entre o mesmo e o comportamento humano. Além disso, são expostos conceitos relativos aos arranjos espaciais – visto que serão trabalhados em conjunto a APO, de forma a auxiliar na produção e interpretação de dados e observações –, assim como referentes a autonomia x interação – uma vez que, nosso enfoque está voltado para o impacto do ambiente no desenvolvimento da autonomia das crianças.

No Capítulo 2, *Estudo de Caso: Creche UFF*, apresentamos, inicialmente, uma reflexão a respeito das instituições educacionais a partir da qual procura-se, ao mostrar um breve relato de seu histórico, reconhecer seu papel ao longo do tempo. Em seguida, caracterizamos nosso objeto de estudo – a Creche UFF, seu histórico, descrição e filosofia

- e dos sujeitos que dela participam – apesar do foco na criança de 2-6 anos, teremos ainda os educadores, colaboradores e pais como personagens coadjuvantes.

Iniciamos o Capítulo 3, *Materiais e Métodos*, introduzindo a metodologia adotada em nosso estudo. Em seguida, apresentamos a descrição dos instrumentos usados na produção e coleta dos dados – análise *walkthrough*, entrevistas, questionários, desenhos com as crianças, mapas comportamentais e análise dos arranjos espaciais.

A parte empírica da pesquisa encontra-se narrada no Capítulo 4, *Análise dos Resultados*, onde descrevemos detalhadamente os procedimentos aplicados na avaliação dos dados obtidos bem como a descrição dos resultados encontrados. A exposição deste material visa expor todas as informações encontradas para uma melhor visualização da aplicação da metodologia elaborada e compreensão dos resultados.

Por fim, apontamos as conclusões sugeridas pela pesquisa de campo junto a recomendações e sugestões para correções de possíveis falhas, quer na edificação, quer na disposição do mobiliário, de modo a elaborar um arquivo de dados que possa ser acionado por outros estudiosos e/ou pesquisadores das áreas de Arquitetura, Psicologia e Educação⁷, esperando poder colaborar, assim, sob um olhar de formação arquitetônica, com a bibliografia relativa às influências do espaço da creche no comportamento das crianças.

⁷ SANOFF (1995:2) acredita que “a organização espacial pode ser uma eficiente estratégia de ensino”.